

OFICINA SOBRE OS MITOS E VERDADES QUE PERMEIAM A TEMÁTICA DO CÂNCER DE MAMA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

**Stéfany Piccinin², Heloísa Augusta Castralli³, Camila Baldissera⁴, Eduardo
Rodrigues Lauz⁵, Daniela Rigo⁶, Melissa Medeiros Braz⁷**

¹ Projeto de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria

² Aluna do Curso de Graduação em Fisioterapia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), stepiccinin@outlook.com - Santa Maria/RS/Brasil

³ Aluna do Curso de Graduação em Medicina da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), heloisa_hac@outlook.com - Santa Maria/RS/Brasil

⁴ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana (PPGDCH) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ca.baldissera@hotmail.com - Santa Maria/RS/Brasil

⁵ Aluno do Curso de Graduação em Fisioterapia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), edulauz@yahoo.com.br - Santa Maria/RS/Brasil

⁶ Aluna do Curso de Graduação em Fisioterapia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), danielarigojc@gmail.com - Santa Maria/RS/Brasil

⁷ Professora Orientadora, Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), melissabraz@hotmail.com - Santa Maria/RS/Brasil

Resumo

O câncer tem assumido um importante papel nos índices de morbimortalidade mundial. Na particularidade do câncer de mama, atividades voltadas à promoção de hábitos que incentivem o seu diagnóstico precoce e diminuam os riscos para seu desenvolvimento despontam como ferramentas de educação e promoção à saúde. Este relato de experiência tem por objetivo apresentar vivências experienciadas por acadêmicos ao adequar suas atividades para a 47ª edição da Feira do Livro de Santa Maria, a qual foi realizada uma oficina para desmistificação da temática do câncer de mama. Diversas questões foram apresentadas e, após, os participantes indicaram se acreditavam ser um mito ou uma verdade. A interação com o público mostrou-se produtiva e reveladora, uma vez que tivemos ênfase na participação masculina. Portanto, a participação dos estudantes na oficina mostrou-se não só, como uma ferramenta eficiente para enriquecer a formação acadêmica, mas também como um método idôneo para desmistificar o tema.

Introdução:

A palavra câncer carrega consigo um grande estigma: muitos consideram-na como um sinônimo de risco de morte. De fato, o câncer já assumiu o posto de principal problema de saúde pública no mundo e se encontra entre as quatro principais causas de morte prematura (antes dos 70 anos de idade). Sua crescente incidência e mortalidade decorrem,

em parte, pelo envelhecimento e crescimento populacional, além da mudança na distribuição e na prevalência dos fatores de risco, especialmente os associados ao desenvolvimento socioeconômico (BRAY *et al.*, 2018; INCA, 2019).

Atualmente, existem mais de 100 tipos de cânceres, todos caracterizados por um crescimento descontrolado de células em um determinado tecido, podendo invadir órgãos, independentemente da distância e causando a formação de tumores. O câncer surge a partir de uma mutação genética, sequenciando uma série de anormalidades nas funções da célula afetada e, também, afetando na sua reprodução (INCA, 2019).

Conforme o Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), responsável por apresentar estimativas de casos novos de câncer e oferecer uma análise global acerca da magnitude e da distribuição dos principais tipos de câncer, no que se refere ao câncer de mama, determina que se espera 66.280 casos novos para cada ano do triênio 2020-2022. Esse valor corresponde a um risco estimado de 61,61 casos novos a cada 100 mil mulheres. Sem considerar os tumores de pele não melanoma, o câncer de mama ocupa a primeira posição na população feminina nas cinco macrorregiões brasileiras (INCA, 2019).

Ao se abordar a etiopatogenia do câncer, a fim de se obter um melhor entendimento, costuma-se realizar a seguinte divisão dos fatores de risco implicados: causas ambientais (como obesidade, sedentarismo e etilismo), história reprodutiva e hormonal (menarca antes dos 12 anos, paciente nuligesta), além de fatores genéticos e hereditários (histórico pessoal de câncer de ovário, história familiar de câncer de mama incluindo em homens). Ademais, convém salientar que a idade desempenha importante papel no desenvolvimento do câncer de mama, haja vista que quatro em cada cinco casos ocorrem após os 50 anos (INCA, 2020). Embora alguns desses fatores sejam inevitáveis, outros podem ter seu risco alterado, sendo importante orientar a adoção de hábitos saudáveis às mulheres, como manter peso adequado, fazer exercícios físicos regularmente, limitar a ingestão de álcool e não fumar (GBECAM, 2013).

Tratando de sua detecção, sabe-se que, embora o diagnóstico seja feito frequentemente em sua forma subclínica, isto é, por meio de exames de mamografia de rotina ou *screening*, um exame físico atencioso ainda é essencial, devendo ser realizado em todas as pacientes que procuram o serviço de saúde, como parte do atendimento à saúde da mulher. Nesse sentido, a paciente também assume papel importante, à medida que, com a prática do autoexame das mamas, o qual se preconiza realizar uma vez por mês, podem ser detectados nódulos. Para as mulheres que ainda menstruam, aconselha-se como melhor momento o 7º dia após o início da menstruação, quando as mamas já não estão tão

inchadas ou doloridas. Por sua vez, para as mulheres que se encontram na menopausa ou que retiraram o útero, pode ser escolhido qualquer dia do mês (GBECAM, 2013).

Clinicamente, a principal manifestação do câncer de mama é o nódulo, de consistência endurecida, indolor, pouco móvel e irregular, podendo vir acompanhado de adenomegalia axilar. Na maioria dos casos, localiza-se no quadrante superolateral da mama. No Brasil, o rastreamento mamográfico para mulheres de 50 a 69 anos é a estratégia recomendada para controle do câncer de mama. Para mulheres de grupos considerados de risco elevado para câncer de mama (por exemplo, com história familiar de câncer de mama em parentes de primeiro grau), recomenda-se o exame clínico da mama e a mamografia, anualmente, a partir de 35 anos (RODRIGUES et al., 2016). A mamografia é o método padrão-ouro para a detecção do câncer de mama, ela pode distinguir estágios iniciais da doença, nos quais o tratamento demonstra-se mais eficaz e com chances maiores de remissão. Todavia, apresenta taxas de falso-negativos entre 10 a 15%, podendo chegar a 40% em pacientes com mamas densas. Dentre os principais sinais mamográficos no câncer de mama encontram-se: nódulo espiculado, calcificações agrupadas pleomórficas, área de assimetria focal com distorção arquitetural do parenquima mamário (MARX et al., 2017).

À medida que a identificação do câncer de mama retarda, as opções de tratamento disponíveis passam a ser bastante agressivas, podendo afetar, além da parte física, o bem-estar emocional e psicológico das mulheres. Ademais, no que diz respeito ao prognóstico, a sobrevida média após cinco anos em países desenvolvidos fica em torno de 85%. Todavia, a nível nacional, as taxas de mortalidade por câncer de mama permanecem elevadas, muito provavelmente porque a doença ainda é diagnosticada em fases avançadas (GBECAM, 2013). No geral, pacientes com tratamento multimodal podem chegar a uma sobrevida média de 50% e as portadoras de metástase podem alcançar até dois anos. As terapias mais atuais envolvem abordagens hormonais, biológicas e combinações de protocolos de poliquimioterapia na tentativa de incrementar a sobrevida e, sobretudo, a qualidade de vida (RODRIGUES et al., 2016).

É possível afirmar que a relevância do câncer de mama não reside apenas em aspectos de saúde pública. A doença e seu tratamento afetam a autoimagem do indivíduo acometido e sua sexualidade, mostrando ter elevado impacto social e econômico, posto que atingem, por diversas vezes, mulheres em idade fértil e economicamente ativas (MARX et al., 2017). Diante disso, evidencia-se a necessidade da realização de ações voltadas à informação da população quanto a medidas de prevenção e rastreio deste tipo de câncer, possibilitando sua conscientização sobre o assunto.

Haja vista a repercussão desse tema na sociedade, especialmente durante o Outubro Rosa, principal campanha de conscientização sobre a importância do diagnóstico precoce do câncer de mama, nossa proposta pautou-se em debater os mitos e verdades que permeiam a temática do câncer de mama. A ação foi realizada durante a 47ª edição da Feira do Livro de Santa Maria, ocorrida entre os dias um e dez de Outubro de 2020 sob o formato online.

Ressalta-se que a iniciativa inseriu-se dentro do projeto de extensão intitulado “Florescer: grupo de apoio a pacientes em quimioterapia”, registrado no SIE pelo GAP/CCS sob número 047558. Este trabalho, portanto, objetiva relatar a experiência vivenciada por acadêmicos da área da saúde da Universidade Federal de Santa Maria, participantes do projeto de extensão Florescer, que durante o evento, criaram um ambiente de diálogo e discussão para desmistificar dúvidas acerca dos mitos e verdades que permeiam a temática do câncer de mama.

Objetivos:

Tem-se como objetivo relatar a vivência experienciada por acadêmicos da área da saúde pertencentes a um grupo de extensão e alunos da Universidade Federal de Santa Maria, ao promover um ambiente de diálogo e discussão, por meio de uma atividade criada no formato de oficina, acerca dos mitos e verdades que permeiam a temática do câncer de mama com a finalidade de possibilitar a sua desmistificação.

Metodologia:

O projeto de extensão “Florescer: grupo de apoio a pacientes em quimioterapia”, criado no ano de 2017 e registrado no SIE pelo GAP/CCS sob número 047558, é vinculado à Universidade Federal de Santa Maria. Tal projeto tem como objetivos promover a saúde individual e coletiva de pacientes em tratamento de quimioterapia; utilizar estratégias de educação em saúde, individuais e coletivas, buscando a melhora da qualidade de vida; desenvolver as atividades de maneira interativa e dinâmica, de forma a proporcionar momentos de descontração; criar um espaço onde os pacientes possam sanar dúvidas, incentivar, através do apoio social e intergrupo, a adesão ao tratamento, sem interrupções ou abandonos; oportunizar aos acadêmicos dos cursos de graduação na área da saúde maior contato com a área de Oncologia e, com isso, aprimorar a vivência teórico-prática relacionada aos cuidados com pacientes oncológicos; e, estimular a prática do trabalho em equipe e a troca de experiências entre a equipe e os acadêmicos.

Em período anterior à pandemia de Covid-19, as atividades ocorriam na sala de espera do ambulatório de Quimioterapia do Hospital Universitário de Santa Maria e consistiam

no desenvolvimento de práticas lúdicas em saúde com pacientes e seus familiares/acompanhantes, promovendo aspectos de educação no que concerne ao câncer, por meio de atividades físicas, artístico-culturais e educacionais, a fim de estimular o enfrentamento da doença e uma melhor adaptação ao cotidiano, contribuindo para o autocuidado e empoderamento dos pacientes.

Com o advento da pandemia, sucedeu-se a suspensão das atividades presenciais do grupo no ambulatório de quimioterapia. Dessa forma, os membros do projeto Florescer remodelaram e adaptaram as atividades para o formato virtual com o intuito de dar continuidade à assistência destes pacientes por meio de eventos acadêmicos e culturais remotos.

Nesse contexto, surgiu a possibilidade de participação na 47ª Feira do Livro de Santa Maria, a qual, diferentemente das outras edições ocorridas de forma presencial, na Praça Saldanho Marinho, adequou-se ao formato online. A Feira do Livro de Santa Maria é um evento de realização da Prefeitura Municipal, da Câmara do Livro, da Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria - CESMA, da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, do Centro Universitário Franciscano - UFN e da 8ª Coordenadoria Regional de Educação, com apoio do SESI-RS.

Por meio das redes sociais, do e-mail e do site oficial da Feira do Livro de Santa Maria houve a divulgação da programação das oficinas, bem como, seus respectivos horários, nos quais os interessados podiam se inscrever via formulário de acordo com interesse próprio. As inscrições permanecerão disponíveis por um período de 15 dias.

No dia da realização do evento, para garantir o acesso à sala virtual da Oficina de Mitos e Verdades, foi disponibilizado previamente o link de acesso aos inscritos via e-mail, Whatsapp, Facebook, Instagram e pelo site institucional da Universidade Federal de Santa Maria e da Feira do Livro que os direcionava para a sala em que os apresentadores já estavam presentes.

Durante a 47ª edição da Feira do Livro de Santa Maria, realizou-se um encontro virtual com duração de aproximadamente 60 minutos, através da plataforma Google Meet. Para tal atividade elaborou-se um arquivo em Power Point, com questões formuladas com base em sites oficiais que discorrem sobre o câncer de mama, ainda tivemos a parceria com uma fisioterapeuta, discente de um programa de doutorado e membro do grupo. O arquivo continha 16 (dezesesseis) questões e foi apresentado através de uma aula expositiva e dialogada no qual foram abordados os mitos e verdades em relação ao câncer de mama.

A atividade foi conduzida por uma acadêmica do curso de Fisioterapia da UFSM e aberta

à comunidade em geral, tendo como público-alvo acadêmicos, profissionais da saúde, pacientes oncológicos e demais indivíduos interessados em discutir o assunto. Dentre os objetivos, buscou-se promover reflexões sobre o compartilhamento de informações oficiais e desmistificar a temática do câncer de mama.

Resultados:

A oficina ocorreu na tarde do dia 08 de outubro de 2020, ao longo de uma hora no período das 14h às 15h. A divulgação ocorreu via rede social Facebook, Instagram, além de grupos de whatsapp e pelo site institucional da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM - e da Feira do Livro, promotora desta ideia de interação com a comunidade. O link do evento online foi encaminhado aos inscritos com antecedência. A Figura 1 representa o layout de divulgação da oficina promovida.

Figura 1 - Arte de divulgação da oficina



Fonte: Elaborado pela organização do evento (2020).

A oficina foi conduzida pela acadêmica de Fisioterapia da UFSM, Stéfany Piccinin e pela professora do curso de Fisioterapia e coordenadora do projeto Florescer, Melissa Medeiros Braz. Um registro da oficina encontra-se expresso na Figura 2, na sequência.

Figura 2 - Sala virtual da oficina



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Optou-se pela interação com os participantes, através do compartilhamento de conhecimento técnico e científico por meio de uma linguagem acessível, ao abordar questionamentos ou achismos populares com fins de esclarecer se procedem ou não. Após levantar o questionamento/afirmação, deixava-se um espaço de livre interação entre os inscritos na oficina. Na sequência apresentava-se a resposta correta juntamente com a contextualização da informação com base na literatura.

Abordaram-se narrativas e assuntos pré-selecionados, bem como, as respostas apresentadas e justificadas durante a oficina que encontram-se expressas com as respectivas questões, delimitados a seguir.

1. Apenas mulheres podem ter câncer de mama?

Neste questionamento, delimitou-se que a resposta é um mito, uma vez que as mulheres são as mais afetadas pela doença, mas os homens também podem desenvolver o tumor já que possuem tecido mamário.

2. Amamentar pode proteger contra o câncer de mama?

Neste segundo questionamento explicou-se se tratar de uma verdade, acrescentando que quanto maior o período de amamentação, menor será o

risco de ter a doença. Essa proteção está relacionada à redução dos ciclos menstruais durante a amamentação.

3. O câncer de mama raramente se espalha para outras partes do corpo (metástase)?

Esta alternativa é um mito, inclusive em países como o Brasil, grande parte das pacientes é diagnosticada em uma fase já avançada do tumor, o que dificulta o tratamento e favorece a ampliação da doença para outras partes do corpo.

4. Quem menstrua muito cedo ou é mãe depois dos 30 anos têm maior probabilidade de desenvolver câncer?

Mais uma verdade, visto que o risco aumenta porque essas mulheres menstruam mais vezes ao longo da vida, ficando mais expostas aos hormônios estrogênio e progesterona.

5. Quanto mais cedo o câncer de mama for identificado, menor o risco de que ele se espalhe pelo corpo (metástase)?

Nesta pergunta a resposta consiste em uma verdade, inclusive detectar o tumor no início é muito importante, o que em vários casos pode aumentar as chances de sucesso no tratamento.

6. Quando o câncer de mama se espalha para outros órgãos, não existe tratamento para a paciente?

Uns mitos, pois, com o avanço da ciência, já existem medicamentos que podem controlar a doença por vários anos, mesmo quando ela é diagnosticada em um estágio avançado. Também há medicações com menos efeitos colaterais do que no passado, preservando a qualidade de vida de cada paciente.

7. O câncer de mama é incurável?

Trata-se de um mito, visto que quando identificado nos primeiros estágios da doença, a chance de cura é de 95%.

8. Estar acima do peso pode aumentar o risco de câncer de mama?

Este questionamento interessante é uma verdade, salientando-se ainda que o excesso de peso, principalmente após a menopausa, aumenta esse risco, pois o tecido gorduroso que se acumula no corpo produz vários hormônios, entre

eles o estrógeno, que está relacionado aos tipos mais comuns de câncer de mama.

9. Consumir bebida alcoólica pode aumentar o risco de ter câncer de mama?

A resposta para esta questão é uma verdade, já que o consumo frequente de álcool, mesmo em baixas quantidades, aumenta o risco de desenvolver o câncer. Inclusive, quanto maior o consumo, maior o risco, porque o álcool interfere nos níveis do estrógeno, hormônio relacionado aos tumores de mama mais frequentes.

10. Mulheres que nunca tiveram filhos correm mais riscos de ter câncer de mama?

Uma verdade devido ao fato de quanto menos filhos, maior o número de ciclos menstruais na vida da mulher, que são momentos de maior exposição a hormônios relacionados à doença.

11. A mamografia é um dos principais exames para identificar rapidamente o tumor?

Nesta questão verificamos se tratar de uma verdade, a mamografia identifica alterações que ainda não podem ser percebidas no exame de palpação feito no consultório. Para complementar, podem ser pedidos outros exames, como o ultrassom ou a ressonância magnética. O ultrassom é indicado em mamas muito densas (com mais tecido mamário que adiposo) ou para identificar se um nódulo é sólido ou cístico.

12. Filhas, irmãs ou sobrinhas de mulheres que tiveram câncer de mama correm mais risco de desenvolver a doença também?

A questão é uma verdade, tendo em vista que quem tem um parente de primeiro grau diagnosticado com câncer de mama antes dos 50 anos corre mais risco, assim como quem tem parentes que tiveram câncer nas duas mamas ou no ovário. Porém, apenas de 5% a 10% dos tumores de mama estão ligados a fatores genéticos. Grande parte tem a ver com estilo de vida e fatores ambientais.

13. O implante de silicone pode ser um obstáculo ao diagnóstico do câncer de mama?

Destaca-se aqui se tratar de um fato que depende da localização do implante, uma vez que ele pode gerar alguma limitação na avaliação da mamografia.

Existem soluções como, a realização de manobras especiais de deslocamento do implante, utilizar filtros de visualização presentes no mamógrafo, além da complementação do diagnóstico com outros exames, como a ultrassonografia e a ressonância magnética.

14. A compressão durante a mamografia pode romper os implantes de silicone?

Tal indagação se trata de um mito, dado que para pacientes com implantes nas mamas, a compressão no mamógrafo costuma ser menos intensa do que a aplicada em pacientes que não usam implantes.

15. Posso fazer o auto exame das mamas em qualquer período do mês?

Neste questionamento, a resposta é um mito pois o autoexame pode ser feito uma vez por mês e a melhor época é logo após a menstruação. Para as mulheres que não menstruam mais, pode ser feito num mesmo dia de cada mês, por exemplo, todo dia 15.

16. Qualquer mulher pode fazer a mastectomia preventiva (caso da Angelina Jolie)?

Um mito, já que apenas mulheres com alta chance de desenvolver câncer de mama devem considerar a mastectomia preventiva como uma maneira de reduzir os riscos da doença. Os fatores que podem aumentar o risco são: câncer de mama prévio; histórico familiar de câncer de mama (mãe, irmã ou filha que tiveram câncer de mama, especialmente se elas foram diagnosticadas antes dos 50 anos); e, alterações de genes causadores do câncer de mama, ou seja, quando há um resultado positivo em testes para mutações em certos genes que aumentam o risco de câncer de mama (BRCA1 e BRCA2).

De forma geral, o retorno obtido pelo público foi positivo, visto que diversos participantes referiram que a atividade contribuiu para a agregação de conhecimentos e conceitos mais básicos (não obstante, fundamentais) acerca do câncer de mama. Pela parcela masculina, foi dito que, por vezes, acabam sendo excluídos do debate.

Diante disso, questionamos um participante a respeito deste assunto, bem como sobre a importância da propagação e difusão do saber para desmistificar assuntos enraizados na sociedade e obtivemos o relato do público participante, que se demonstra nas palavras a seguir: “São temas muito importantes para se debater com pessoas leigas, as mulheres que realizam tratamento para o câncer de mama ou que queiram entender sobre o processo se deparam com essas dúvidas que são simples, mas nem sempre estão

esclarecidas. Falando especialmente sobre o público masculino, a gente acaba compreendendo ainda menos sobre o assunto já que não somos muito visados quando se trata dessa temática, então essa ação realizada pelos acadêmicos de forma aberta agrega muito e ajuda na conscientização das pessoas”.

Ainda, os presentes delimitaram sua opinião referente ao assunto tratado e sobre a apresentação, algumas das colocações foram; “que algumas afirmações foram bastante surpreendentes”, também relataram ser “muito boa a abordagem utilizada, prendeu minha atenção”. Deste modo, com estes feedbacks obtidos nos sentimos gratos e realizados pela possível contribuição que tivemos na vida destas pessoas.

Discussão:

A interação foi bastante interessante e produtiva, uma vez que houve a interação de vários participantes. Ademais, fato que chamou a atenção de forma positiva foi a presença e participação do público masculino, dispostos a entender sobre uma temática que afeta prioritariamente as mulheres. Tal fato, demonstra uma preocupação não só por parte das mulheres, mas também dos homens, sejam eles futuros profissionais da saúde, membros da sociedade ou futuros companheiros, que podem vir a ajudar na prevenção e no combate ao câncer de mama.

Corroborando este fato, o engajamento masculino em assuntos relacionados ao câncer de mama é de extrema importância, posto que, o diagnóstico de neoplasia mamária maligna em homens é descoberto com estadiamento avançado devido à baixa procura dos homens pelos serviços de saúde. (BUSHATSKY et al., 2011). A realidade em que o público masculino não é o alvo principal das políticas de saúde para a prevenção do câncer de mama, resulta na falta de informações que atinge essa população e acarreta na menor conscientização da mesma.

Ainda enquanto acadêmicos, ressaltamos a importância em desenvolver atividades com a comunidade no âmbito da extensão, como uma excelente oportunidade de retomar conteúdos estudados nas aulas e transmiti-los para a comunidade, possibilitando a criação de uma ponte de conhecimentos entre a universidade e a comunidade, por meio da interação extensionista conseguimos levar o conhecimento a outras pessoas, a sociedade.

Segundo Souza (2000) o artefato necessário para que a universidade alie a pesquisa e o ensino, é a Extensão, com a finalidade de aproximar o meio acadêmico com as aplicações práticas na comunidade, consolidando a ideia de que a Universidade deve se fazer presente na formação de cidadãos engajados, críticos.

Algumas das afirmações surpreenderam bastante os ouvintes, pois diversos que opinaram, acreditavam se tratar de uma verdade sobre a doença e ao se demonstrar que se tratava de um mito houve surpresa, demonstrando ainda mais a necessidade de informar a população de forma didática e acessível.

Diante disso, nosso objetivo foi atingido, acreditamos que conseguimos desmistificar afirmações enraizadas na sociedade, ao menos diante daqueles presentes e possivelmente de pessoas próximas e familiares. Sendo assim, para a formação acadêmica, tornou-se um importante ponto de desenvolvimento profissional e engajamento com as pessoas, o que possibilita a melhoria contínua e o trato com o ser humano em suas diferentes peculiaridades e características.

Conclusões:

A importância do desenvolvimento de ações a nível de prevenção e promoção de saúde, na especificidade do câncer de mama, é evidenciada ao passo que não apenas possibilitam um ambiente de diálogo e trocas entre acadêmicos, pacientes e profissionais, mas também promovem a desmistificação de um tema de relevância social, estimulando cada vez mais a conscientização da população perante a prevenção do câncer de mama, alterações ou sintomas que possam se manifestar e peculiaridades sobre essa doença.

Portanto, independente dos entraves causados pela pandemia de SARS-CoV-2, é imprescindível que as atividades sejam adequadas ao meio virtual, a exemplo da oficina realizada na Feira do Livro de Santa Maria, em que se proporcionou um ambiente de diálogo, discussão e desmistificação à população. Além disso, ressaltamos a importância do encorajamento de acadêmicos da área da saúde com eventos sociais, uma vez que aprimoram a vivência do meio acadêmico com a comunidade, adicionando valores sociais e profissionais aos alunos, professores e pesquisadores.

Palavras-chave: Educação em saúde; Neoplasias da Mama; Educação a Distância.

Referências

1. BRAY, F.; ZNAOR, A.; CUEVA, P.; KORIR, A.; SWAMINATHAN, R.; ULLRICH, A.; WANG, S. A.; PARKIN, D. M. Planning and developing populations-based cancer registration in low-and middle-income settings. Lyon, France: International Agency for Research on Cancer, 2014. Disponível em: http://www.rho.org/files/IARC_Planning_developing_cancer_registries_2014.pdf.
2. BUSHATSKY, M.; BARROS, M. B. S. C.; INTERAMINENSE, I. N. C. S.;

ROSENDO, P. G.; BELTRÃO NETO, J. E.; FIGUEIRA FILHO, A. S. S. Câncer de mama masculino: estudo de caso em dois serviços especializados da cidade do Recife, Brasil. Rev enferm. UFPE online [Internet]. v. 5, n. 4, p. 951-56. 2011 Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/1415/pdf_518

3. GRUPO BRASILEIRO DE ESTUDOS DO CÂNCER DE MAMA. Tudo o que você sempre quis saber sobre o câncer de mama. – Barueri, SP : Minha Editora, 2013. ISBN 978-85-7868-117-3.
4. INCA. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. ESTIMATIVA 2020/ Incidência de Câncer no Brasil. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//estimativa-2020-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf>
5. MARX, A. G.; FIGUEIRA, P. V. G. Fisioterapia no câncer de mama. Barueri, SP: Manole, 2017.
6. RODRIGUES, A. B.; MARTIN, L. G. R. MORAES, M. W. Oncologia multiprofissional: patologias, assistência e gerenciamento. Barueri, SP: Manole, 2016.
7. SOUSA, A. L. L. A história da extensão universitária. 1. ed. Campinas: Ed. Alínea, 2000. p. 138.
8. TORRE, L. A.; SIEGEL, R. L.; WARD, E. M.; JEMAL, A. Global Cancer Incidence and Mortality Rates and Trends—An Update. Cancer Epidemiol Biomarkers Prev; v. 25, n. 1. January 2016